

“A FILHA DO REI”, DE MANUEL BANDEIRA: UM EXERCÍCIO DE LEITURA

Dalberto TEIXEIRA¹

RESUMO

Este texto analisa o poema “A filha do Rei”, de Manuel Bandeira, com a finalidade de mostrar como o poeta se utiliza de uma extrema simplicidade, tanto do ponto de vista métrico quanto da linguagem e extensão do poema para um profundo estado de êxtase diante da figura feminina. Além disso, a figura feminina simboliza o inatingível, decorrendo daí um sentimento de frustração. Entretanto, e paradoxalmente, esse distanciamento do poeta em relação ao objeto do desejo intensifica ainda mais esse desejo. A ausência, nesse caso, somente pode ser preenchida pela palavra poética, única maneira de o poeta superar a fugacidade dos seres, retendo na memória e ampliando pela imaginação aquilo que é visto num breve instante de iluminação.

Palavras-chave: Manuel Bandeira. A filha do rei.

! A FILHA DO REI

Aquela cor dos cabelos
Que eu vi na filha do rei
- Mas vi tão subitamente –
Será a mesma cor da axila,
Do maravilhoso pente?
Como agora o saberei?
Via-a tão subitamente!
Ela passou como um raio:
Só vi a cor dos cabelos.
Mas o corpo, a luz do corpo?...
Como seria o seu corpo?...
Jamais o conhecerei

(BANDEIRA, 1985, p. 230)

“A filha do rei”, de Manuel Bandeira, pertence a **Estrela da manhã**, livro que tem como características a busca da liberdade formal, o tom irônico, um sentimento melancólico e uma certa carga de erotismo.

O poema, do ponto de vista estrutural, é simples, constituído de uma única estrofe, com versos da métrica popular (heptassílabos), facilitando a leitura e a memorização.

O eu lírico capta, num instante de alumbramento, a visão de uma figura feminina, cuja beleza, apenas intuída, numa associação metonímica, pela “cor dos cabelos”, é ofuscada pelo instantâneo da cena, semelhante a um raio fulgurante.

¹Especialista em linguagem, mestre em literatura brasileira, docente das Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul – FUNEC, dalbertoprofessor@yahoo.com.br

O poema contém alguns elementos alegóricos, que cabe ao leitor desvendar: “cor da axila”, “maravilhoso pente”, “luz do corpo”. Esta última imagem é ainda mais enigmática, considerando o valor simbólico da luz e a constante presença desse signo no universo poético do autor por meio de referência a “estrelas”, “Vênus”, “Vésper” etc.

Esse hermetismo do poema se acentua pela referência à “filha do rei”, sem nenhuma outra denominação que desfaça a ambiguidade: quem seria essa filha? Quem seria esse rei? O eu lírico não dá nenhuma resposta.

De qualquer maneira, pode-se perceber que o poema é expressão de um desejo, intensificado pelo ofuscamento do objeto desse desejo. A propósito, a palavra “desejo” vem de “desiderio” (latim), que deu origem, por meio do sânscrito, a “sidéreo”, “sideral”, que significa “estrela”, “luz”. Não é por acaso que o poema pertence ao livro **Estrela da manhã**. Também não é por acaso que o signo “estrela” é recorrente na poesia de Manuel Bandeira, tomando, por isso mesmo, o valor de um símbolo. A luz, originalmente, significava o guia, aquilo que orienta, que abre o nosso querer. Segundo Lima (1995, p. 218), o nosso corpo é a casa do desejo e é essa luz que ilumina o nosso ser desejanter. Vale citar, para ilustrar essa íntima associação entre estrela e desejo, o poema “Estrela”, de **Lira dos Cinquent’Anos**:

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrela
Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia.
(BANDEIRA, 1985, p. 254)

Como se verifica, a distância entre o eu lírico e o objeto do desejo, em vez de levar a uma atitude de renúncia, de desistência, de conformismo, intensifica o anseio de posse, uma ardência que queima, que aflige, inquieta e atormenta. Por isso mesmo, a ausência, em vez de

ter um efeito tranquilizador, levando a um refúgio nos meandros da melancolia, desperta no eu lírico uma busca incessante, embora infrutífera. O caminho, então, é transformar essa ausência em matéria de poesia. Nesse sentido, a poesia não é a celebração de uma presença, mas o canto de uma ausência. É nessa linha de concepção do poético que também se situa o poema “Nudez”, de Carlos Drummond de Andrade, cujos primeiros versos valem a pena citar:

Não cantarei amores que não tive
E se os tive nunca celebrei.
Não cantarei o riso que não rira
E que se rira ofertaria aos pobres.
Minha matéria é o nada.
(ANDRADE, 1962, p. 37).

Outro traço marcante do poema, caracterizado pelo momento fugaz e instantâneo de uma visão, remete à transitoriedade dos seres e das coisas, tratado por poetas e filósofos, que veem na passagem inexorável do tempo a impossibilidade de reter o presente. Daí a necessidade de flagrar o instante, eternizando-o por meio de uma pintura, uma fotografia, um poema.

Entretanto, o que o eu lírico flagra, de maneira súbita, não é a figura feminina em sua totalidade, mas apenas uma parte dela, a “cor dos cabelos”, que o leva a adivinhar o que está oculto no restante do corpo, processo semelhante ao pintor Degas, que pintava suas dançarinas por uma de suas partes: os sapatos. Não há como ver nesse processo uma das formas de apreensão da civilização moderna, cuja velocidade e imediatismo nos permite apreender apenas uma parcela de sua totalidade, cuja marca principal é o fragmentarismo.

Nesse sentido, o que está velado, ao mesmo tempo que conduz a um sentimento de frustração, transforma-se, para o eu lírico e o leitor, num estímulo à imaginação, que busca adivinhar as outras partes do corpo feminino, reinventando uma mulher que “passou como um raio”, deixando na retina um campo de possibilidades.

Nessa linha de raciocínio, chegamos ao conceito de “epifania”, que na literatura significa um momento de êxtase, ou, nas palavras de Manuel Bandeira, de “alumbramento”. Em “Evocação do Recife”, o poeta diz:

Vi uma moça nuinha no banho
Foi o meu primeiro alumbramento
(BANDEIRA, 1985, p. 213)

Entretanto, no poema que estamos analisando, o momento epifânico não decorre de uma visão concreta da figura feminina, mas de uma adivinhação, estimulada pela imaginação e pelo devaneio. Isso não diminui o êxtase, antes o intensifica, porque “ver” pela imaginação é mais intenso do que ver concretamente.

Esse momento epifânico, embora desencadeado pela imaginação erótica, também implica uma elevação espiritual, uma sublimação, uma iluminação. Mais ainda, esse alumbramento é fonte de criação poética. Alumbramento é a própria poesia, se a concebermos como transfiguração do real, como uma transcendência que vai além da superfície das coisas e dos seres.

O último verso “Jamais o conhecerei” é demasiadamente enfático e frustrante, pois exprime a impossibilidade total, absoluta, irreversível de qualquer fruição de ser desejante em relação ao objeto do desejo. Entretanto, como já percebemos, esse ocultamento da nudez do corpo feminino estimula a imaginação, levando-a a idealizar essa mulher que passa subitamente, como sugere a expressão “luz do corpo”. Se o desejo é a luz do mistério, nas palavras de Lima (1995, p. 218), o mistério, por sua vez, alimenta o desejo. O desejo não é só libido e instinto, nem uma energia psíquica, mas uma energia sensual e transformadora. Como já dissemos, os antigos entendiam o desejo como “luz”, como orientação, como uma direção. Basta lembrar, na tradição cristã, a estrela (luz) que conduzia os pastores até o menino Jesus.

Nesse sentido, o desejo tem algo de sublime e tende a sensualizar o universo. O nosso corpo é a casa do desejo, essa luz que ilumina o nosso ser e impulsiona o nosso querer.

A primeira faculdade que opõe o homem às coisas é a faculdade de desejar. Ao desejar, o homem não aceita as coisas como elas são, mas as recria de acordo com a sua fantasia criadora. É o princípio-do-prazer que se opõe ao princípio-da-realidade:

Al principio del placer, que inicialmente solo el dominaba la siquis, se le sobrepone poco a poco, como expuso Freud, el principio de la realidad interes de la consevación de la vida. El individuo debe aprender a renunciar a su impulso, originariamente directo y desconsiderado, que tiende a satisfacer sus instintos – que serían destructivos – a frustrar los mismos y e a desviar cada vez mayor cantidad de energia hacia los objetivos sustitorios socialmente útiles. Debe trabajar, adaptarse, renunciar; por todo ello se le pagará con la seguiridad y com las satisfacciones secundarias controladas y elaboradas culturalmente, las cuales ya no tendrán la

naturaleza desenfreada del impulso primário de placer, sino que serán tan solo su eco, que va haciéndose más y más débil.

El peligro que amenaza a la persona em este camino es paradójico; em interes de la conservación de la vida se reprime ésta y comienza a aniquilosarce. Cuanto más rígidamente el Super- yo o la consciência representa en el interior de su siquis las exigências de la sociedad, cuanto más angustiosamente se defienden los limites Del Yo frente AL retorno de las tendências inconscientes, más vacía, más soterrada se hace la vida de la persona, tierra seca únicamente surcada por uma débil corriente de água. Cada vez se consumen más energias en la defensa de lo suplantado en uma agressividad hacia adentro y hacia afuera que, a título de ejemplo, adopta las formas de rigidez moral, carácter autoritário, ritualismo exagerado, bizantinismo y, paralelamente, cada vez se dispone de menos energias para las facultades eróticas, comunicativas y creadoras. (WELLERSHOFF, 1976, p. 51).

Outro elemento do texto que chama a atenção é a sugestão visual da figura feminina, como sugerem as expressões “cor dos cabelos”, “cor das axilas,” “(cor) do maravilhoso pente”, “luz do corpo”. Embora a “cor das axilas” e do “maravilhoso pente” possam ser intuídas a partir da “cor dos cabelos”, a imagem que está absolutamente velada e inatingível é a “luz do corpo”. Aqui, pode-se vislumbrar um movimento do olhar que parte do plano concreto (cor dos cabelos, das axilas, do maravilhoso pente) para o sublime (“luz do corpo”). É a “luz do corpo” que atrai e fascina o olhar do eu lírico, que se caracteriza como o ápice do alumbramento. Nesse sentido, o alumbramento conduz o eu lírico a uma visão espiritual, celestial, como pode-se perceber em outro poema, cujo título é justamente “Alumbramento”:

Eu vi os céus! Eu vi os céus!
Oh, essa angélica brancura
Sem tristes pejos e sem véus!

Nem uma nuvem de amargura
Vem a alma desassossegar.
E sinto-a bela... a sinto-a pura...

Eu vi nevar! Eu vi nevar!
Oh, cristalizações de bruma
A amortalhar, a cintilar!

Eu vi o mar! Lírios de espuma
Vinham desabrochar à flor
Da água que o vento desapruma...

Eu vi a estrela do pastor...
Vi a licorne alvinitente!...
Vi... vi o rastro do Senhor!...

E vi a Via-Láctea ardente...
Vi comunhões... capelas... véus...
Súbito... alucinadamente...

Vi carros triunfais... troféus...
Pérolas grandes como a lua...
Eu vi os céus! Eu vi os céus!
Eu vi-a nua... toda nua...
(BANDEIRA, 1985, p. 176).

Se a existência é uma soma de perdas, são justamente essas perdas que se transformam em matéria da criação poética. O ausente é preenchido pela palavra poética, único signo capaz de preencher o intervalo que separa o ser desejante do objeto desejado. Poesia é ausência.

Nesse sentido, o erotismo, sendo por sua própria natureza uma representação imaginária, é capaz de atenuar o sentimento da falta, pois, liberta o homem das repressões e restitui a atividade do prazer. É por isso que a arte leva o homem a reencontrar o princípio do prazer, recuperar a sua infância e libertar-se do reprimido.

Daí a associação entre a imagem poética e a experiência erótica. Tanto uma como outra falam a linguagem do descobrimento. Poesia é revelação, tanto quanto a nudez do corpo feminino.

É na infância que o homem tem as primeiras experiências eróticas, à medida que começa a tocar o corpo, a sentir, a descobrir os primeiros impulsos instintivos ligados à sexualidade. Em “A Filha do Rei”, o eu lírico assemelha-se a um menino extasiado pela passagem de uma linda princesa, estimulando o despertar da potência sexual. Erotismo e inocência se confundem, se misturam, ativam a imaginação. Nesse sentido, vale destacar a afirmação de Sérgio Lima (1995 p. 330): “A Beleza é o conhecimento sensível/sensual da realidade.”

Dessa forma, como entender o tom pessimista do último verso do poema (“Jamais a conhecerei)? A resposta, talvez, venha de Davi Arrigucci Junior (1990, p. 44): “(...) a poesia, como a natureza, ama ocultar-se”.

"THE KING'S DAUGHTER", BY MANUEL BANDEIRA: AN EXERCISE OF READING

ABSTRACT

This paper analyzes the poem "The King's Daughter" by Manuel Bandeira, in order to show how the poet uses extreme simplicity, both from the point of view metric as the language and extension of the poem to a deep state of bliss on the female figure. Moreover, the female figure symbolizes the unattainable; follow from a feeling of frustration. However, and paradoxically, this distancing of the poet in relation to the object of desire intensifies this desire. The absence, in this case, can only be filled by the poetic word, the only way to the poet to overcome the transience of being, retaining in the memory and expanding by the imagination of what is seen in a brief moment of illumination.

Keywords: Manuel Bandeira. King's Daughter.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá Limitada, 1962.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S. A., 1985.

LIMA, Sérgio. **A aventura surrealista**. São Paulo: UNESP, 1995. T.1.

WELLERSHOFF, D. **Literatura y principio del placer**. Madri: Guadarrama, 1976.